



O TANTRA DE TĀRĀ – UMA BUDA EM FORMA FEMININA

Tattiane Yu Borges Marques*

Resenha de: Landesman, Susan A.; Tradutora: Tsai, Patricia Guernelli Palazzo. **O Tantra de Tārā – Texto Ritual Fundamental de Tārā (Tārā-mūla-kalpa) – Parte I: O Tantra Raiz.** Valinhos, SP: Associação Buddha-Dharma, 2022.

O estudo sobre mulheres budistas no Brasil ainda é muito embrionário. Uma abordagem baseada em perspectiva de gênero no contexto religioso budista é uma área de pesquisa pouco explorada. A pesquisa voltada especialmente para uma figura feminina de Buda é de extrema importância para as mulheres budistas. Tārā é considerada uma das primeiras representações femininas iluminadas nos tantras budistas, senão a primeira. A personificação de Tārā como um Buda em forma feminina desafia percepções equivocadas associadas à identidade de gênero da época, enfatizando os ensinamentos que promovem a prática da compaixão e da equanimidade. Isso capacita as mulheres a atingirem seu potencial máximo ao seguir o caminho em direção à iluminação, algo que lhes foi negado.

Embora esta obra não aborde diretamente Tārā sob uma perspectiva de gênero, ela se torna uma referência fundamental para estudos acadêmicos dentro dessa abordagem.

O *Tārā-mūla-kalpa* é o texto canônico de Tārā, o estudo dessa obra proporciona uma visão singular do culto a Tārā e do desenvolvimento do tantra durante o primeiro milênio da era comum. A natureza não

* Mestra em Ciências da Religião, dissertação premiada em 1º lugar no prêmio ABHR – Associação Brasileira para Pesquisa e História das Religiões. Membro do grupo de pesquisa em Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL. Formada em Teologia Budista pelo Instituto Pramāṇa.



refinada do texto sugere que o *Tārā-mūla-kalpa* representa uma tradição religiosa em sua fase inicial de formação, evidenciada pela ausência de um padrão explicitamente definido ou de sistemas estereotipados encontrados em outros textos tântricos da época (Susan, LANDESMAN, 2008).

Dentro do contexto do budismo tibetano, no qual as principais escolas seguem as tradições Mahāyāna e Vajrayāna, o *Tārā-mūla-kalpa* ocupa posição de destaque nas escrituras sagradas, presente nas redações da coleção canônica escritural (*bka' gyur*) do budismo tibetano, onde foi preservado e o original na língua sânscrita se perdeu.

Susan Landesman compõe essa riquíssima obra como resultado de duas décadas de pesquisa e dedicação. Ela traduziu o tantra de Tārā (*Tārā-mūla-kalpa*) diretamente do tibetano para inglês pela primeira vez. Doutora pela Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, em línguas Indiana e Tibetana, foi orientada por Alex Wayman. Suas áreas de especialidade são o Budismo Indo-Tibetano, mulheres no Budismo e arte tibetana. É autora de importantes obras, incluindo “*Tārā and the Tārā-mūla-kalpa: The Tārā Cult’s Formative Period in India*” e a recém-lançada “*The Tārā Tantra: Part I*”.

Nesta edição, temos a obra disponível em português, graças ao notável trabalho de tradução de Patricia Guernelli Palazzo Tsai. Patricia é Mestre em Ciências da Religião pela UMESP e atualmente está cursando o Doutorado na mesma área e instituição, sob a orientação do Prof. Dr. Jung Mo Sung. Sua área de pesquisa abrange o Budismo Mahāyāna, Ética, Direitos Humanos e Diálogo Interreligioso. Além disso, ela é professora no curso de Teologia Budista do Instituto Pramāṇa, Diretora Jurídica na Associação Buddha-Dharma e co-fundadora da Sakyadhita São Paulo. Patricia também é membra do CSRP - *Centre for the Study of Religion and Politics* e do grupo *Scholars at the Peripheries*, ambos da Universidade de St. Andrews, Escócia, onde está realizando o doutorado sanduíche sob a orientação do Prof. Dr. Mario Aguilar.

O livro da presente resenha é organizado em duas partes. A primeira parte, composta por uma introdução subdividida em três seções, oferece uma explicação detalhada sobre o surgimento da Buda feminina conhecida como Tārā. Na seção inicial, intitulada “Histórico sobre Tārā”, Susan Landesman apresenta informações sobre as narrativas literárias



associadas a Tārā, sua posição no texto canônico, sua popularidade no Tibete perante sua trajetória na Índia e Tibete, além de detalhes sobre deidades femininas anteriores a Tārā.

Quanto às narrativas literárias, a autora destaca duas. A primeira delas trata da princesa Jñānacandrā, considerada o marco inicial do surgimento de Tārā com base em fontes literárias na Índia. Nessa narrativa, a princesa Jñānacandrā desempenha um papel crucial de gênero ao buscar a plena iluminação em um corpo feminino e faz o voto de renascer sempre como mulher, evidenciando o conceito de equanimidade tão crucial nos ensinamentos do Buda histórico. “Seu sucesso levou à profecia de que enquanto ela manifestasse insuperável e perfeita iluminação ela seria referenciada como “Deusa Tārā”” (p.27)

A segunda narrativa apresenta Tārā simbolizando a estrela e o barco, cuja simbologia é explicada pelo significado da palavra Tārā em sânscrito, que remete a “estrela” ou “travessia” (navio ou barco), podendo ser interpretada como “uma estrela que cruza o céu noturno”, revelando as características intrínsecas das estrelas: luz e orientação.¹ “Esses significados explicam o papel de Tārā como uma protetora divina contra os perigos e uma deusa da iluminação” (p. 28). Essa simbologia deu origem ao seu nome em tibetano, “Dolma” (*sgrol ma*), que significa “Salvadora”.

Susan Landesman explica que no texto TMK², a identidade de Tārā não é apresentada como protagonista, mas sim como companheira de Avalokiteśvara, uma conexão que remonta a antigas descrições na arqueologia budista e nos três textos canônicos do tantra budista anteriores ao TMK. Outra faceta de sua identidade está associada a Avalokiteśvara, retratando-a como uma salvadora nascida das lágrimas e vinculada ao aspecto da compaixão (*karuṇā*) no budismo, representando ações efetivas para resgatar os seres. Avalokiteśvara desempenha um papel fundamental como interlocutor nas escrituras do TMK, e mesmo em diálogos com o Buda histórico, sua importância permanece proeminente (p.37).

¹ Veja em MONIER-WILLIAMS, 1979, p. 443.

² Daqui em diante a sigla TMK será usada para referir-se ao texto canônico *Tārā-mūla-kalpa*.



A autora levanta uma questão crucial de gênero ao destacar o papel central de Tārā nas escrituras do TMK, referindo-se a ela como “completamente silenciosa” e evocando sua presença “no contexto do sigilo”. Isso evidencia um certo obscurecimento do aspecto feminino nas escrituras da época, mas também aponta para uma tentativa de modificar essa dinâmica. Susan encerra essa discussão com a indagação: “Era essa a única forma de facilitar a entrada de Tārā no movimento tântrico na Índia?” (p. 38).

No trecho intitulado “O Culto de Tārā: da Índia ao Tibete”, a autora apresenta informações históricas sobre o surgimento de Tārā na Índia, baseando-se em três evidências específicas: sua datação, detalhes de suas representações nas artes budistas e sua evolução ao longo do tempo. No contexto da disseminação de Tārā para além das fronteiras indianas, Susan destaca que o protagonismo de Avalokiteśvara em relação a Tārā diminui a partir do século VIII. Apesar das fontes literárias tibetanas mais antigas do século VII, durante o reinado do rei Srong btsan, mencionarem Avalokiteśvara e suas duas esposas, com os respectivos nomes de Bhr̥kuṭī e Tārā, apenas no século XI é que o culto de Avalokiteśvara foi estabelecido no Tibete, após o mestre indiano Atiśa (982-1054) ter reestabelecido o budismo na região.

Na última seção do “Histórico sobre Tārā” do livro, intitulada “As Antecessoras de Tārā na Literatura Budista: As Deusas Prajñāpāramitā e Vāsantī”, Susan Landesman explora a história de outras duas deidades femininas no budismo que precedem o surgimento do culto de Tārā. A autora observa que “suas iconografias e funções revelam características que futuramente seriam proeminentes no culto de Tārā.” (p. 43). A simbologia de Tārā como mãe está associada ao conceito de Prajñāpāramitā³, que remete aos estudos da *prajñā* (sabedoria que conhece a realidade como vacuidade e vazia de existência inerente) contidos no Sūtra da Perfeição de Sabedoria⁴ (Tattiane MARQUES,

³ Prajñāpāramitā: Perfeita sabedoria, que o Budismo personificou como uma deidade feminina (a deusa Prajñāpāramitā), é o sujeito de muitas importantes escrituras ao longo da história budista. As seis virtudes destes ensinamentos, os quais os seres vivos são entusiasmamente admoestados a desenvolver, são referidas como as perfeições de generosidade, moralidade, paciência, alegria, cultivo mental (meditação) e sabedoria. Cf. glossário p. 611

⁴ *Bhagavatīhrdayaprajñāpāramitāsūtra* em sânscrito.



2022, p. 58), datado do primeiro século a.C. Existem “passagens dessa escritura que trazem louvores à Deusa Prajñāpāramitā como a deusa da iluminação, protetora dos perigos e mãe, papéis aos quais serão atribuídos à Tārā. [...] Sua sabedoria é comparada com um útero que é a fonte biológica e metafísica da iluminação dos Buddhas” (p. 44), o que a torna a mãe de todos os Budas. Posteriormente, Tārā personificaria tais conceitos teológicos (Bee SCHERER, 2018, p. 291).

Na seção intitulada “A Deusa Vāsantī”, Susan Landesman explica que Vāsantī é mencionada no texto Gaṇḍavyūhasūtra, composto entre o primeiro e o meio do terceiro século a.C., vários séculos antes do surgimento do culto de Tārā. O que a assemelha a Tārā são suas realizações espirituais e funções: “(1) protetora dos perigos, (2) deusa da iluminação, (3) “mãe” de todos os Buddhas e (4) incorporação da compaixão. O passado lendário real de Vāsantī, como Rainha Dharmamaticandrā, também possui paralelo com o passado de Tārā como a princesa Jñānacandrā” (p. 45). Susan destaca que nos textos canônicos de Tārā suas formas físicas também se assemelham à deidade budista Vāsantī. A importância dessas referências anteriores a Tārā é desafiar as teorias não budistas de que as origens dos conceitos teológicos de Tārā “derivem do retrato da Deusa Hindu Durgā no Devī Māhātmya, composto entre os séculos 4 e 6 d.C. [...], que de maneira última remete à candidatura da deusa Védica Rātri como predecessora não budista de Tārā.” (p. 50).

Em conclusão, Susan Landesman expõe a importância de apresentar evidências femininas no budismo sob a perspectiva de gênero devido aos diálogos que expressam os preconceitos dos monges Theravādins⁵ que alegavam que mulheres não poderiam realizar a completa iluminação. Ao contrário da tradição Mahāyāna, que em seus *sūtras*, compostos durante os primeiros séculos d.C., promoveram modelos femininos para a iluminação: “Nesses *sūtras*, seres femininos iluminados não apenas incorporam e expressam as mais elevadas formas de sabedoria, a fonte

⁵ Praticantes do sistema Theravāda (que veio a se estabelecer em lugares como Tailândia, Laos e Ceilão), que se utiliza da língua *pāli*; o sistema Mahāyāna (que se disseminou para a China, a Coreia, o Tibete, o Japão e o Nepal), em sânscrito, ocorrendo a tradução para as línguas nativas das regiões disseminadas. Ambos são vertentes budista surgidas após o Terceiro Concílio, os Theravādins possuem entendimentos diferentes dos da tradição Mahāyāna (Tattiane MARQUES, 2022, p.41 e 124).



do estado de um Buddha, mas também demonstram algumas das mais ativas formas de compaixão para proteger devotos dos variados medos e perigos físicos.” (p. 51).

A segunda seção introdutória do livro aborda a análise textual do *Tārā-mūla-kalpa*, dividida em sete seções: (1) “Introdução ao TMK, Atiśa e Bu-ston”; (2) “As Divisões do TMK e Seu Conteúdo”; (3) “As Referências do TMK ao *Bodhisattva-piṭaka Avataṃsaka-mahāvaipūlyā-sūtra*”; (4) “Estudos Anteriores”; (5) “Teorias de Datação: Tārā no TMK, o MMK e o VAT”; (6) “Rituais no TMK”; (7) “A Tradução: Por que a Tradução deste Texto é Importante”. Susan Landesman explica todo o processo do texto que se propôs a traduzir, desde o significado do nome original em sânscrito, em tibetano, em inglês e em português, com a versão traduzida por Patricia Guernelli Palazzo Tsai.

Quanto à autoria do texto, a autora explica que não há registros, pois se trata de uma “escritura”, mas a “a tradição assume que o TMK foi inicialmente revelado pelo Buddha e passado mediante tradição oral antes de ter sido finalmente escrito.” (p. 55). O original em sânscrito pertencia ao mestre Atiśa, renomado monge da universidade monástica de Vikramaśīla. Aos setenta anos de idade (1042), Atiśa foi para o Tibete, onde passou os últimos doze anos de sua vida traduzindo vários textos para o tibetano. No entanto, Atiśa não traduziu o TMK do sânscrito para o tibetano; essa tarefa foi realizada apenas em 1358 pelo mestre Bu-ston, também “editor da primeira e definitiva edição em bloco impresso de comentários do cânone tibetano (*bstan ‘gyur*)” (p. 57).

Susan Landesman destaca que “a peculiaridade do TMK é demonstrada por suas referências completas e abreviadas do *Bodhisattva-piṭaka Avataṃsaka Mahāvaipūlyā-sūtra*.” (p. 68), textos definidos por Bu-ston como essenciais para o Mahāyāna, por serem a coleção de ensinamentos do Bodhisattva.

A análise de Susan Landesman revela que os textos *Mañjuśrī-mūla-kalpa*⁶, *Tārā-mūla-kalpa* e *Vairocana-abhi-sambodhi-tantra*⁷ provavelmente foram compostos simultaneamente ou em períodos próximos, entre os sé-

⁶ Daqui em diante a sigla MMK será usada para referir-se ao texto canônico *Mañjuśrī-mūla-kalpa*.

⁷ Daqui em diante a sigla VAT será usada para referir-se ao texto canônico *Vairocana-abhi-sambodhi-tantra*.



culos VI e VIII d.C. Originários do sânscrito, esses textos foram adotados pela tradição Mahāyāna. O MMK, considerado o mais antigo entre eles, remonta ao século VI d.C., coincidindo com o período de redação do TMK e VAT. A composição final do TMK é atribuída ao século VII, apresentando os rituais e as narrativas visuais dos textos MMK e VAT, o que confere grande importância para a autora na tradução do texto contido na segunda parte do livro. É no texto VAT que se revela uma multiplicidade de Tārās, nascidas das lágrimas de Avalokiteśvara, narrativa amplamente conhecida em sua identidade, e que está vinculada ao aspecto da compaixão (*karuṇā*), um importante elemento da hermenêutica do Bodhisattva.

Dentro das teorias de datação, Susan Landesman destaca a relação entre “Tārā no TMK e o *Ekaviṃśati-sādhana*” e no “*Tarkajvālā* de Bhāvaviveka”, ressaltando a importância desses textos para o ritual litúrgico e, também, para a ascensão da popularidade de Tārā no budismo. O autor do texto *Ekaviṃśati-sādhana* foi Candragomin, um notável poeta e gramático budista que deixou um legado significativo no contexto do budismo indiano no século VIII. Além de sua autoria da obra de devoção a Tārā, conhecida como Homenagens às Vinte e Uma Tārās (*namastāre ekaviaviati*) até os dias atuais, Susan ressalta que, embora a obra de Candragomin pareça ser mais uma expressão ritual de adoração dos vinte e um aspectos de Tārā do que um comentário propriamente dito, sua contribuição para a compreensão e culto de Tārā é inestimável. A discussão em torno da ausência de referências às vinte e uma formas de Tārā no TMK sugere que o texto pode ter sido produzido “antes da popularização e divulgação dessas formas específicas de Tārā” (p. 77).

A análise de Susan Landesman destaca também a importância da obra *Tarkajvālā* de Bhāvaviveka como uma peça-chave na determinação da cronologia da composição do TMK. Bhāvaviveka (Bhavya) é reconhecido como um influente pensador indiano do século VI e fez a inclusão da *vidyā* de dez sílabas de Tārā - *om tāre tuttāre ture svāha* - no quarto capítulo do *Tarkajvālā*, representando a mais antiga evidência documentada de Tārā e sua *vidyā*. No TMK, a *vidyā* de dez sílabas de Tārā é descrita como “o mais secreto encantamento essencial”, enfatizando sua importância central dentro do contexto tântrico, o que sugere não apenas o caráter sagrado e esotérico dessa invocação, mas também a



reverência atribuída a Tārā como uma figura divina, uma Buda. “Bhavya explica que quando um *guhya* ou *vidyā-mantra* é usado na meditação ele incorpora... a essência dos segredos da sabedoria dos Tathāgatas.” (p. 80). A palavra Tathāgata é um epíteto de Buda, aquele que é conhecedor da verdade e da superação⁸.

Ainda no que diz respeito à análise textual no TMK, a autora dedica uma seção para explicar os rituais, especificamente o significado dos *maṇḍalas*, pinturas em tecido de algodão (*paṭa*) e as oferendas ao fogo (*homa*). Em particular, ela descreve que as oferendas de fogo eram originalmente realizadas por sacerdotes zoroastristas e védicos, envolvendo o sacrifício de animais vivos, mas que foram adaptadas no budismo, uma vez que os budistas honram *ahiṃsā*, a não violência em relação a todos os seres vivos. O ritual do *maṇḍala*, porta de entrada de formas rituais no TMK, é uma construção imagética de um ambiente visual complexo cheio de detalhes que serve para levar a consciência a níveis mais sutis a partir da concentração (*samādhi*). “O coração do ritual de *maṇḍala* ocorre quando o discípulo é iniciado pelo *guru*, que concede permissão para realizar uma prática” (p. 87). Neste ponto, o praticante faz votos, oferece preces e pratica para intensificar o mérito em benefício de todos os seres vivos. As oferendas de pinturas em tecido (*paṭa*) são imagens representacionais (*thangkas*), para as quais há instruções detalhadas no TMK sobre fiar o fio, tecer o tecido e pintar as imagens, geralmente representando as deidades.

Os “três rituais – *homa*, *maṇḍala* e *paṭa* – quando adequadamente consagrados, são imbuídos com a presença da deidade, e a eles é creditado conceder ao praticante os resultados desejados (*siddhi*) do ritual [...]. OTMK estatui que aquele que obtém por menor que seja a visão do *maṇḍala* obterá “liberdade de todas as transgressões” e “libertação instantânea” [TMK 181b-2ff.]. O *maṇḍala* de Tārā também é usado para “todos os rituais que pacificam (*śāntika*)”, que ajudam “os pobres a terem ganho” e que fortalecem “seres em sofrimento que não possuem protetor” [TMK 187a-7 a 187b-1].” (p. 89-90).

A terceira divisão da parte introdutória do livro, diz respeito à Tārā no seu texto canônico TMK, seus nomes, iconografia e *vidyās*. Susan

⁸ Cf. glossário p. 613



Landesman descreve cada um dos dez nomes pelos quais Tārā é mencionada no texto ritual: “(1) Bhagavatī Ārya Tārā: a ocorrência mais comum de epíteto de Tārā é “Abençoada Nobre Tārā””; “(2) Mahā-vidyā-rājñī: Tārā personifica a fala sagrada e o estado desperto de atenção pristina (*vidyā*) através de seu nome Rainha das Mahāvidyās”; “(3) Protetora Ekajaṭī: Tārā é identificada como uma Protetora com uma Única Mecha de Cabelo.”; “(4) Ūrdhvajaṭā: O epíteto de Tārā como Ūrdhvajaṭā significa “Ela Cujas Mechas Estão Presas para Cima.”; “(5) Kurukullā: O epíteto Kurukullā é encontrado na “encantação quase-essência” de Tārā (*upa-hṛdaya*), um dos quatro tipos de *vidyās* usadas para propiciar Tārā no TMK”; “(6) Deusa Tārā: Tārā aparece como uma “deusa” (Skt. *devī*, Tib. *lha mo*) no primeiro ritual *paṭa* do TMK”; (7) Tārā [Realizadora de] Desejos: epíteto de Tārā, Cintatārāvati, “Ela que [Realiza] Desejos””; (8) Mahāsrī: O aspecto de Tārā como a “Muito Gloriosa”; (9) Pāṇḍaravāsini, Bhṛkuṭī, Dṛdhā: no ritual de *maṇḍala* do capítulo 2 (172b-2 a 4), três deusas acompanham Avalokiteśvara: Pāṇḍaravāsini (*gos dkar mo*) “Ela que Está Vestida de Branco”, Bhṛkuṭī (*khro nyer can ma*) “Ela que tem Sobrancelhas Cerradas”, e Dṛdhā (*brtan [ma]*) “A Firme,” um nome para a Deusa da Terra.”; e “(10) Bodhisattva: Tārā é invocada como uma *bodhisattva* em seu *vidyā* raiz (131b-1; 160b-3), e é indiretamente referida como uma *bodhisattva* quando é chamada de filha do Buddha (*Daśabala-ātmajā*, 196a-7).” (p. 97-102).

Para a análise dos nomes, Susan Landesman destaca o nome Bhagavatī Ārya Tārā, sendo Bhagavatī indicando que ela é uma Buda, o epíteto Ārya (nobre) também é usado para Buda e *bodhisattvas* que adquiram o décimo solo (níveis de concentração elevada) a colocando no mesmo patamar de seres iluminados como Avalokiteśvara, Mañjuśrī etc. Para o nome Tārā, “quando o nome aparece sozinho, significa “aquela que liberta os seres vivos do oceano de sofrimentos e doma todos os seres sencientes ‘mães’ com imparcialidade” (p. 98).

Para as iconografias, Susan Landesman descreve que são três representações no TMK, presentes na parte dois do livro. São elas: “protetora Ekajaṭī, deusa Tārā, e como Pāṇḍaravāsini.”. Ekajaṭī e Pāṇḍaravāsini estão representadas sentadas próximas a Avalokiteśvara, Susan destaca que



são as únicas figuras femininas descritas detalhadamente no texto e ambas como as companheiras femininas de Avalokiteśvara.

A segunda parte do livro, intitulada “Tradução: *Tārā-mūla-kalpa*”, é dividida em duas seções. A primeira é composta pelos capítulos A1, A2 e A3, enquanto a segunda contém 13 capítulos. Juntos, esses dezesseis capítulos abrangem mais de 300 páginas do livro, representando o fruto de mais de 20 anos de dedicação e pesquisa de Susan Landesman. Nessa parte, a autora mergulha na tradução da primeira parte do texto ritual fundamental de Tārā, um trabalho incrivelmente complexo devido à linguagem encriptada⁹, o que exigiu da autora um contato direto com seu professor, o Geshe Lozang Jampal, o que enriqueceu seu trabalho com muitas notas.

Além da tradução do texto central de Tārā, que só existe na língua tibetana, a autora teve o apoio do texto *Mañjuśrī-mūla-kalpa* (MMK), preservado em sua língua original, o sânscrito. O texto MMK contém representações idênticas de Tārā carregando os mesmos símbolos de Mañjuśrī¹⁰, o que a coloca em um alto patamar de deidades budistas. No MMK, Tārā é mencionada como uma “Deusa e mãe do jovem resplandecente Mañjughoṣa”, reafirmando, assim, sua identidade materna (Tattiane MARQUES, 2022, p. 40). A simbologia materna está intrinsecamente ligada ao conceito de sabedoria, devido à epistemologia budista sobre a investigação da realidade composta pelos discursos do Buda com Mañjuśrī. Nesse contexto, embora não diretamente vinculada a Mañjuśrī, a sabedoria é representada pela figura feminina, e Tārā é considerada a primeira mulher nas representações do tantra budista, carregando o título de mãe.

No capítulo A.1, intitulado “A Assembleia”, Susan Landesman apresenta a tradução da parte inicial do ritual, que consiste em todos os nomes de Budas e Bodhisattvas representando os seres iluminados, bem como toda a assembleia imagética que assiste ao ritual, incluindo deuses e seres de outras esferas de existência. A tradução começa

⁹ As categorias dos tantras são ritos que exigem transmissão oral e autorização de prática (iniciação, abhiṣeka), por isso a linguagem secreta (encriptada) que precisam de professores qualificados para explicar.

¹⁰ Bodhisattva da sabedoria.



com a frase “Assim escutei certa vez”, caracterizando o texto como um dos sermões proferidos pelo Buda histórico, também conhecidos como sutras em sânscrito. Isso evidencia que o texto se trata de um ensinamento do Buda (Plínio TSAI, 2019, p.49). Nesse trecho extenso, com mais de 100 páginas de tradução pela autora e muitas notas, são apresentadas homenagens e oferendas para o início da prática, além de descrições dos nomes e qualidades dos seres iluminados.

Nos capítulos A.2 e A.3, Susan Landesman traz a tradução dos rituais extensivos do *Maṇḍala* e da *Sādhana*. A tradução do “Ritual Extensivo do *Maṇḍala*” contém toda a descrição da autorização para a prática, chamada no Vajrayāna de iniciação (*abhiṣeka*). Segundo a autora, o “*Maṇḍala* representa seres iluminados como o foco da prática meditativa de um praticante. Dentro de um *maṇḍala*, seres iluminados são representados em forma corporal, forma silábica como as sílabas sementes (*bīja*), ou forma simbólica como gestos manuais (*mudrā*) ou objetos segurados com poderes associados.” (p. 609). Nesta seção do capítulo, há uma descrição simbólica detalhada na construção do *maṇḍala*.

No capítulo A.3, dedicado à tradução do “Ritual da *Sādhana*”, há uma descrição simbólica do *maṇḍala* de Tārā. Este trecho sugere que os praticantes se vejam simbolicamente no *maṇḍala* visualizando-se como Tārā, fazendo oferendas aos Budas e Bodhisattvas. A prática de autovisualização no *maṇḍala* é um meio dos praticantes “acumularem méritos” (Tattiane MARQUES, 2022, p. 123), sendo os méritos relacionados às virtudes geradas. Conforme a autora, *sādhana* é “uma prática meditativa que é usada para propiciar e invocar a presença de um ser iluminado ou divindade.” (p. 642).

Na segunda parte do livro, composta por treze capítulos (B.1 a B.13), Susan Landesman apresenta a tradução que “revelam os tipos, poderes e funções das *vidyās* de Tārā, um ritual *maṇḍala* extensivo, e rituais para pintar tecido (*paṭa*), e oferendas ao fogo (*homa*), algumas das quais veneram Tārā como a protetora dourada.” (p. 93). A autora explica que as *vidyās* são “sílabas sagradas associadas com uma forma feminina de divindade ou iluminação, usada para invocar a sua presença.” (p. 614). Ela destaca a importância dessa distinção entre *vidyā* e *mantra*, ressaltando que o termo *vidyā* se refere à forma feminina da divindade,



em contraste com o uso mais comum do termo *mantra* para se referir a divindades masculinas no tantra budista. Susan Landesman também aborda a possibilidade de uma corrupção no termo tibetano “*rgyal po chen po*” ao se referir ao “epíteto de Tārā *Bhagavatī mahāvidyārājñī*” (p. 283), propondo que o termo seja traduzido no feminino “a Abençoada, Rainha das Mahāvidyās”.

No capítulo B.13, intitulado “*Vidyā-Mantras* Nascidos da *Samādhi* Extensiva”, a autora conclui a tradução de todo o texto do TMK. Nessa seção, o interlocutor é Avalokiteśvara, chamado de “Bodhisattva Grande Ser Nobre Avalokiteśvara”. “Nascidos da *Samādhi*” implica que ele proferiu os ensinamentos e/ou mantras por meio da “meditação equidistante na concentração unifocada (*samādhi*)” (p. 477). Avalokiteśvara faz o pedido: “Ó Mahāsthāmaprāpta, esse poderoso rei das *vidyās* chamado ‘Extensivo’ é nascido da *samādhi* da Bhagavatī Ārya Tārā” (p. 478). A autora explica que “Mahāsthāmaprāpta”, um interlocutor masculino, nasce da *samādhi* de Tārā. Avalokiteśvara invoca outros poderosos reis das *vidyās* de Tārā para proferir ensinamentos e realizações aos praticantes, com o seguinte pedido: “Possam as realizações ocultas (*siddhis*) daquela bem-sucedida [*vidyā* de] Tārā serem dadas a qualquer pessoa com pensamentos que perseverem pelo bem dos seres sencientes. Possam [os outros] serem beneficiados por sua execução contínua. Todos os seres sencientes que se lembram daquela [*vidyā*], farão com que esta deusa Tārā proteja, defenda e esconda os seres vivos.” (p. 504). Esse capítulo da tradução do TMK destaca a representação de Tārā como “silenciosa” e sua presença “evocada dentro do contexto do sigilo”. Evidencia o apontamento de Susan de que Tārā é pioneira nas escrituras do tantra budista, mas sua presença nos rituais de prática depende de interlocutores masculinos, mesmo que evocados por ela através da meditação (*samādhi*).

A tradução do TMK no livro chega ao fim nesta seção, e é importante observar que Susan Landesman não faz a conclusão neste trecho final, deixando seus comentários e explicações principalmente na primeira parte do livro, como mencionado anteriormente.

A relevância da presente obra no contexto dos estudos de gênero no budismo justifica a resenha numa revista especializada em gênero e



religião, porém a obra em particular não aborda Tārā sob uma perspectiva feminista, mas torna-se uma referência fundamental para estudos da mulher na história do budismo no meio acadêmico tão pouco explorado e muitas vezes abafado pelas tradições. A obra como um todo é importante para a pesquisa, desde aspectos históricos do surgimento na Índia e no Tibete, informações detalhadas sobre os significados da liturgia tântrica, e principalmente, informações das principais literaturas que deram surgimento e permanência do culto de Tārā ao longo da história. O livro inclui oito textos indexados, incluindo a narrativa do surgimento de Tārā, como a história da princesa Jñānacandrā, que representa uma importante luta de gênero: de tornar possível o completo despertar para as mulheres.

REFERÊNCIAS

LANDESMAN, Susan A. Goddess Tārā/ Silence and Secrecy on the Path to Enlightenment. **Journal of Feminist Studies in Religion**, Indiana University Press, v. 24, n. 1, p. 44-59, Spring, 2008. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20487912>. Acesso em: 14 mar. 2020.

MARQUES, Tattiane Yu Borges. **Buda Tārā: surgimento, transformação e permanência da centralidade de um ícone feminino no budismo tibetano Geluk**. 133 páginas. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/2208>. Acesso em: 10 set. 2023.

SCHERER, Bee. Buddhist Tantric Theology? The Genealogy and Soteriology of Tārā. **Buddhist-Christian Studies**, U.K., Canterbury Christ Church University, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1353/bcs.2018.0024>. Acesso em: 25 fev. 2022.

TSAI, Plínio Marcos. **Sermão do Grande Fundamento: Tradução Bílingue e Comentário**. Valinhos: BUDA, 2019.

Submetida em: 6-11-2023

Aceita em: 3-12-2023